



## O percurso teórico-metodológico dos trabalhos em teorias do jornalismo da SBPJor (2008-2012)

Cristiano Anuniação<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta alguns resultados do projeto que visa realizar uma análise teórico-metodológica de trabalhos sobre teorias do jornalismo submetidos em congressos da área de Comunicação. O objetivo é buscar pistas que nos ajudem a pensar as especificidades epistemológicas da matéria, considerando textos que levam (no título, no resumo ou nas palavras-chave) a rubrica ‘teoria do jornalismo’ ou ‘teorias do jornalismo’. Assim, partimos da seguinte questão: como as teorias do jornalismo são tratadas nos trabalhos apresentados na SBPJor? Neste trabalho, examinamos 33 artigos submetidos em cinco edições dos encontros realizados pela associação científica, representando o período entre 2008 e 2012.

**Palavras-chave:** percurso teórico-metodológico; teorias do jornalismo; SBPJor (2008-2012).

### 1. Apresentação

O presente trabalho tem interesse pela produção científica que, de algum modo, se coloca sob o amparo das teorias do jornalismo. Realiza tal intento com a premissa de que o estudo da matéria é bastante recente e começa a ganhar corpo a partir de movimentos institucionais (falamos aqui da fundação da SBPJor, da criação de programas de pós-graduação em Jornalismo e de grupos de pesquisa específicos em congressos da Intercom, como o de *Teoria do Jornalismo*).

Uma primeira tentativa de estudar as teorias do jornalismo foi realizada em artigo elaborado para a Intercom do ano passado (ANUNCIÇÃO, 2016a). Alguns

---

<sup>1</sup> É jornalista; doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB); mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

meses depois, no mesmo ano, apresentamos outro texto no congresso da SBPJor (ANUNCIACÃO, 2016b).

Este artigo, portanto, apresenta alguns resultados do projeto que visa realizar uma análise teórico-metodológica de trabalhos sobre teorias do jornalismo submetidos em congressos da área de Comunicação. O objetivo da proposta é buscar pistas que nos ajudem a pensar as especificidades epistemológicas da matéria, considerando textos que levam (no título, no resumo ou nas palavras-chave) a rubrica ‘teoria do jornalismo’ ou ‘teorias do jornalismo’. Assim, partimos da seguinte questão: Como as teorias do jornalismo são tratadas nos trabalhos apresentados na SBPJor?

Em diversos de seus escritos, Adelmo Genro Filho (1996, 2004, 2012 [1987]) já apontava a possibilidade e a pertinência de uma teoria do jornalismo:

Assim como os produtos industriais diferem dos artesanais, a comunicação jornalística tem sua natureza própria, diferente da comunicação estética, científica ou qualquer outra. Portanto, uma teoria do jornalismo teria de delimitar claramente a natureza dessa informação, suas leis e suas relações com o desenvolvimento e transformação social. Por isso, parece fundamental transformar o conceito de jornalismo, superar seu “status” explicativo ou adjetivo e transformá-lo num conceito totalizante, pois o fenômeno possui unidade e conteúdos próprios, além de grande importância nas relações sociais (GENRO FILHO, 2004, p. 162).

Embora não busquemos elaborar uma teoria do jornalismo, concordamos com o autor. Por isso, nossa preocupação em estudar as especificidades da produção voltada ao tema. Ou seja, os trabalhos sobre teorias do jornalismo.

## **2. Procedimentos metodológicos**

A tarefa aqui é examinar artigos submetidos ao encontro anual da SBPJor entre os anos de 2008 e 2012, que representa cinco eventos da entidade. O recorte temporal se justifica no propósito de manter uma qualidade na reflexão dos textos, uma vez que se trata de uma associação científica específica em jornalismo – que, potencialmente, apresentaria uma maior demanda de trabalhos em teorias do jornalismo.

Para compor o corpus de pesquisa, acessamos o site da associação (no tópico ‘Biblioteca’ – na parte superior da página principal –, seguido do link ‘Sala de pesquisa’). Buscamos os artigos, por evento, nos anais da biblioteca digital da entidade, perfazendo a seguinte ordem: título, resumo e palavras-chave.

Ao final desse procedimento, fizemos uma espécie de varredura geral (no quadro ‘Conferência’ em que estava o termo ‘todos [os eventos]’), cumprindo a mesma sequência: título, resumo e palavras-chave. Na leitura dos textos, empregamos a técnica da análise de conteúdo.

Apresentamos abaixo (nas seções ‘Um panorama’ e ‘Classificação temática’) as reflexões acerca dos 33 textos selecionados. São estes: Texto 1 - *A composição da página noticiosa nos jornais digitais: o estado da questão*, de Luciana Moherdau, apresenta o estado da questão da composição da página noticiosa no jornalismo digital de 1991 até os dias atuais para verificar rupturas e discontinuidades nos projetos gráficos. (2008); Texto 2 - *A teoria do jornalismo no cinema: como aportes teóricos do jornalismo são apresentados no filme O Quarto Poder*, de Macelle Khouri, busca mostrar como aportes teóricos do campo do jornalismo se fazem presentes nas narrativas cinematográficas tendo como unidade de análise o filme O Quarto Poder. (2008); Texto 3 - *Ensino de jornalismo: campo de pesquisa e formação profissional*, de Alice Mitika, reflete o ensino de jornalismo como campo de pesquisa, a partir de uma perspectiva histórica, com base na experiência do curso de graduação em Jornalismo da ECA-USP, iniciada nos anos 1990. (2008); Texto 4 - *Imprensa e mercado no Brasil: de 1945 aos nossos dias*, de Ana Paula Goulart, analisa as relações entre a imprensa e o mercado no país, a partir de 1945, com a influência de parâmetros do jornalismo norte-americano e a criação de novos veículos, até os anos 1980, com a informatização das redações. (2008); Texto 5 - *Jornalismo ambiental: dilemas de uma quase especialidade*, de Cláudia de Moraes, discute o conceito de jornalismo ambiental, bem como a cobertura jornalística ambiental e o contexto social atual. (2008); Texto 6 - *Jornalismo e inovação: aproximações conceituais entre academia e setor produtivo*, de Carlos Eduardo Franciscato, debate aspectos teórico-metodológicos da pesquisa aplicada em

jornalismo, a partir de uma aproximação entre o campo científico e o sistema produtivo. (2008); Texto 7 - *O ensino de processos de produção no jornal-laboratório*, de Márcia Marques, busca refletir as questões pedagógicas que envolvem a produção jornalística, com a perspectiva de contribuir para o campo do jornalismo. (2008); Texto 8 - *O que o jornalista pensa que os leitores pensam: o efeito de terceira pessoa sobre os produtores da notícia*, de Adriana Santiago, trata dos efeitos de terceira pessoa nos produtores de notícias, questionando se o fenômeno pode influenciar na seleção das informações e, por conseguinte, propiciar a censura e a espiral do silêncio. (2008); Texto 9 - *Promessas para o futuro: as características do infográfico no ciberjornalismo a partir de um estudo exploratório*, de Tattiana Teixeira e Mayara Rinaldi, discute o infográfico no ciberjornalismo a partir de um estudo de caso múltiplo da seção Infográficos do Portal UOL e do elmundo.es. (2008); Texto 10 - *Teorias da notícia: impasses para a teoria do jornalismo*, de Gislene Silva e Felipe Pontes, objetiva criticar abordagens e impasses provocados por algumas correntes sobre o estudo da teoria do jornalismo, na tentativa de problematizá-la, sobretudo as que enclausuram-na nas teorias da notícia, circunscritas apenas a aspectos da rotina profissional. (2008); Texto 11 - *Teorias do jornalismo e atividades laboratoriais*, de Carlos Alberto Zanotti, busca oferecer subsídios que norteiem a redação noticiosa, focando na produção de órgãos laboratoriais, com o intuito de superar barreiras entre a formação acadêmica e o exercício profissional. (2008); Texto 12 - *As representações do MST na comunidade interpretativa dos jornalistas do Grupo RBS*, de Vilso Santi, visa mapear as representações acerca da questão agrária, tematizando o MST e suas ações nas páginas do jornal ZH. (2009); Texto 13 - *Objetividade jornalística: a prática profissional como questão política*, de Leonel Aguiar e Vinicius Neder, pretende sinalizar caminhos para pensar a objetividade jornalística, inserindo a imprensa no campo de produção de discursos realistas surgidos na modernidade. (2009); Texto 14 - *Tecnologia e desenvolvimento na produção jornalística*, de Carlos Eduardo Franciscato, Dijna Torres e Getúlio dos Santos, procura articular os conceitos de tecnologia, desenvolvimento, inovação e jornalismo, buscando entender como as condições tecnológicas influenciam

e se relacionam com o desenvolvimento das empresas jornalísticas. (2009); Texto 15 - *Acontecimento inesperado: uma ordem de discurso*, de Cláudia de Moraes, reflete o jornalismo ambiental a partir das teorias do jornalismo, discutindo alguns limites da institucionalização do campo. (2010); Texto 16 - *Análise de cobertura jornalística: proposta de um protocolo metodológico para estudos do acontecimento*, de Gislene Silva e Flávia Maia, apresenta um protocolo de análise de cobertura que possibilite a apreensão do acontecimento jornalístico numa instância entre o trabalho de bastidores da redação e as análises subsequentes do conteúdo e do discurso sobre este acontecimento. (2010); Texto 17 - *O processo de produção ciberjornalístico para as teorias do jornalismo*, de Carla Schwingel, busca entender a produção jornalística e seus sistemas automatizados complexos do ponto de vista das teorias do jornalismo. (2010); Texto 18 - *Quem fala, quem cala: representatividade das fontes no discurso jornalístico sobre a loucura*, de Denise Cristina Gomes, propõe-se a identificar as fontes e verificar como são representadas nos textos do jornal gaúcho Zero Hora no que diz respeito à reforma psiquiátrica de 1992. (2010); Texto 19 - *Telejornalismo e diversidade cultural: a TV pública e a construção de identidades*, de Christina Musse e Mila Pernisa, procura refletir a construção da identidade nacional (mito da brasilidade) no telejornalismo brasileiro. (2010); Texto 20 - *Teoria e história do jornalismo: confluências e divergências entre as teorias do jornalismo e da história*, de Felipe Pontes, compara o percurso teórico do jornalismo e da história para notar similaridades e divergências epistemológicas entre as duas áreas. (2010); Texto 21 - *A cobertura das eleições de 2010 pelo Diário de Pernambuco: a qualidade e a legitimação social no jornalismo pernambucano*, de Thaís Vidal e Heitor da Rocha, analisa a cobertura jornalística do Diário de Pernambuco no período eleitoral de 2010. (2011); Texto 22 - *A crítica e a cidadania presumidas no jornalismo: a imprescindível contribuição do jornalismo à democracia*, de Gabriel Marquim, examina a relação entre o jornalismo e a sociedade do espetáculo, questionando sua inserção no modelo liberal de democracia. (2011); Texto 23 - *A diversidade de valores e de procedimentos associados à objetividade jornalística*, de Ben-Hur Demeneck, oferece pistas, a partir da revisão

bibliográfica em objetividade jornalística, sobre como os jornalistas ampliaram o conceito de objetividade para adaptá-lo às suas particularidades de mediação. (2011); Texto 24 - *A morte no discurso jornalístico sobre a dengue*, de Luiz Marcelo Ferraz, tem a proposta de refletir o forte apelo que a morte tem na mídia ao tratar de doenças infecciosas, como é o caso da dengue, discutindo os sentidos construídos pela imprensa. (2011); Texto 25 - *A pirâmide e o agendamento: uma proposta de compreensão epistemológica da teoria do agenda-setting*, de Carlos Figueiredo, defende uma compreensão dos aspectos epistemológicos do agendamento (que foi aperfeiçoando seus postulados teóricos, com contribuições de outras vertentes, como a teoria do enquadramento), entendendo a notícia como forma de conhecimento. (2011); Texto 26 - *As fontes e os discursos: a representação da luta antimanicomial no jornal Folha de S. Paulo*, de Denise Cristina Gomes, analisa a cobertura do jornal sobre a Semana Nacional da Luta Antimanicomial, investigando textos publicados entre 1988 e 2001, com a proposta de identificar fontes e verificar como são representadas. (2011); Texto 27 - *Aspectos históricos do ensino de jornalismo no Brasil*, de Antonio Hohlfeldt, busca uma síntese da história do ensino de jornalismo no país, que ocorre paralelamente à sua profissionalização. (2011); Texto 28 - *O cidadão-repórter e o empoderamento da cidadania: a democracia e o ambiente das novas mídias digitais*, de Elisa Jacques, Amanda Miranda, Alfredo Vizeu e Heitor da Rocha, objetiva investigar como os cidadãos, sobretudo através das novas mídias digitais, podem contribuir para o resgate da esfera pública, fortalecendo a inclusão social e uma deliberação mais democrática. (2011); Texto 29 - *A materialidade da divisão social e sexual para os estudos da comunicação*, de Dulce Mazer, elenca algumas das principais justificativas para o uso de gênero como categoria de análise transversal nas pesquisas em comunicação. (2012); Texto 30 - *O cordel como instrumento de comunicação e jornalismo: aproximações conceituais*, de Maria Gislene Fonseca e Edgard Patrício, lista alguns estudos sobre as teorias da comunicação e do jornalismo e aplica a conceitos, definições e usos dos folhetos a partir dos cordéis com o personagem Seu Lunga como protagonista. (2012); Texto 31 - *25 anos de “O segredo da pirâmide” – a singularidade como categoria na*

*teoria do jornalismo e na teoria da história: possibilidades para compreender a produção jornalística de acontecimentos*, de Felipe Pontes, compara o modo de produção do acontecimento jornalístico com o trabalho historiográfico, a partir das categorias de singularidade, particularidade e universalidade. (2012); Texto 32 - *Reflexões sobre o processo de produção do livro-reportagem durante a graduação em jornalismo*, de Cíntia Xavier e Paula Melani, aborda as interfaces do livro-reportagem com outros gêneros, como o interpretativo, o investigativo e o literário, e suas especificidades por ser um suporte específico, com estrutura e linguagem diferenciada. (2012); e Texto 33 - *Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos*, de Lia Seixas, considera como noções capitais para os estudos do jornalismo, como atualidade, instantaneidade e periodicidade, podem operar na análise dos gêneros jornalísticos. (2012)

### 3. Um panorama

Neste primeiro momento, apresentaremos uma visão geral dos 33 trabalhos analisados. Fizemos a seguinte divisão: (a) Trabalhos submetidos por congresso; (b) Autores dos textos; (c) Instituição de origem (vinculação em curso de pós-graduação, seja na categoria docente ou discente); e (d) Referências bibliográficas mais utilizadas nos artigos.

Foram submetidos 11 textos no congresso de 2008, três na edição de 2009, seis no encontro de 2010, oito em 2011 e cinco no ano de 2012. Isso demonstra uma preocupação de pesquisadores da área de Comunicação com o tema. Mesmo que em 2009 tenha havido uma diminuição do número de textos submetidos em relação ao ano anterior, verificamos que há uma certa estabilidade na inscrição de trabalhos que, de alguma forma, demarquem a posição ‘teoria do jornalismo’ (ou ‘teorias do jornalismo’), já que nos eventos posteriores, 2010, 2011 e 2012, a diferença quantitativa entre um ano e outro é relativamente pouca. Aliás, falando em dados quantitativos, certificamos que a média é de seis trabalhos em cinco anos.

Dentre os autores, identificamos os nomes de Felipe Simão Pontes (3), Cláudia Herte de Moraes (2), Carlos Eduardo Franciscato (2), Gislene Silva (2), Denise Cristina Ayres Gomes (2) e Heitor Costa Lima da Rocha (2) como aqueles que mais submeteram textos nesses cinco eventos analisados. Isso evidencia os pesquisadores que têm se preocupado com as questões relacionadas à matéria, tanto que a expressão ‘teoria do jornalismo’ (ou ‘teorias do jornalismo’) é reiterada nos trabalhos inscritos por cada um deles, pelo menos nesse período de análise.

Interessante notar que Felipe Simão Pontes e Gislene Silva escrevam conjuntamente um texto. O outro artigo de Silva foi escrito em parceria com Flávia Dourado Maia. Nos dois casos, a professora Gislene Silva foi orientadora de Mestrado dos coautores no PPG em Jornalismo da UFSC. Carlos Eduardo Franciscato escreveu um sozinho e o outro junto com Dijna Andrade Torres e Getúlio Cajé dos Santos, então bolsistas no Projeto PIBIC CNPq/UFS que resultou no trabalho<sup>2</sup>. Já os dois artigos de Heitor Costa Lima da Rocha foram apresentados em coautoria: o primeiro com Thaís Assis Vidal, que, à época, era estudante do curso de Jornalismo da UFPE; e o segundo com Elisa Luna Jacques e Amanda Emily Gomes Miranda, então estudantes de Jornalismo da UFPE, e Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior, orientador do trabalho e professor do PPG em Comunicação da UFPE. É claro que há influências compartilhadas entre orientadores e orientandos no trabalho em conjunto. Basta conferir que depois do texto em parceria com Gislene Silva, Felipe Simão Pontes escreveu mais dois artigos (no período de análise deste artigo) em que aparece, de algum modo, a expressão ‘teoria do jornalismo’ (ou ‘teorias do jornalismo’). No entanto, neste caso, é preciso afirmar que não dá para saber de qual dos dois pesquisadores originaram-se as inquietações a respeito do tema.

Dos 31 trabalhos analisados<sup>3</sup>, sete estão vinculados à UFSC (seis ao PPG em Jornalismo e um ao PPG em Sociologia Política); quatro à UFPE (dois à graduação em

---

<sup>2</sup> Os nomes dos dois bolsistas aparecem na nota de rodapé do artigo que Franciscato escreveu sozinho como participantes do Projeto PIBIC CNPq/UFS.

<sup>3</sup> Neste aspecto, consideramos o vínculo institucional do primeiro autor do artigo, a partir da sua relação com programas de pós-graduação (o último curso, no caso de estudantes).



Comunicação, um ao PPG em Comunicação e um ao PPG em Sociologia); três à UFBA (PPG em Comunicação e Cultura Contemporâneas); e dois à UFSM (graduação em Comunicação), UFS (graduação em Comunicação), PUC-RS (PPG em Comunicação Social) e UFMA (graduação em Comunicação), cada. As outras universidades tiveram um representante, cada. São elas: PUC-SP, USP, UFRJ, UnB, PUC-Campinas, PUC-Rio, UFJF, Fiocruz, UEL, UFRN e UEPG.

É necessário destacar que os dois trabalhos da UFSM foram submetidos, em congressos diferentes, por Cláudia Herte de Moraes. Do mesmo modo, os textos que representam a UFS é de Carlos Eduardo Franciscato, enquanto os da UFMA é de Denise Cristina Ayres Gomes.

Em relação aos autores mais citados<sup>4</sup>, figura no topo da lista o nome de Nelson Traquina (12 textos). Em segundo lugar, está Mauro Wolf (10). Nilson Lage vem em seguida, em 9 artigos. Já Eduardo Meditsch, Jorge Pedro Sousa e Pierre Bourdieu empatam (7, cada). Em seguida, são contabilizados os nomes de Adelmo Genro Filho, Christa Berger, Gaye Tuchman e Lorenzo Gomis (6, cada). Obras de José Marques de Melo, Michael Schudson, Michel Foucault e Miguel Rodrigo Alsina são referenciadas em 5 artigos (por autor). São citados quatro vezes (cada) os trabalhos de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, Carlos Eduardo Franciscato, Jürgen Habermas, Luiz Beltrão, Muniz Sodré e Robert Park. Por fim, aparecem três vezes (cada) os nomes de Adriano Duarte Rodrigues, Antônio Hohlfeldt, Carlos Eduardo Lins da Silva, Ciro Marcondes Filho, Elias Machado, Gislene Silva, Isabel Travancas, John Pavlik, Josenildo Guerra, Mark Deuze, Maxwell McCombs e Donald Shaw, Peter Berger e Thomas Luckmann, Stuart Hall e Warren Breed. Desses, 15 são brasileiros e 19 são estrangeiros.

Também importante notar aí a inserção de autores que, embora tenham aparecido na bibliografia da Comunicação, são outras áreas do saber (Antropologia, Sociologia e Filosofia). São eles: Gaye Tuchman, Jürgen Habermas, Michel Foucault, Peter Berger e Thomas Luckmann, Pierre Bourdieu e Stuart Hall. Obviamente que um campo de pesquisa, como o estudo da teoria do jornalismo, necessita do alicerce

---

<sup>4</sup> Consideramos o nome do autor que aparece apenas uma vez em cada artigo analisado, mesmo que tenha se repetido em outras obras referenciadas.

teórico-metodológico das ciências auxiliares (o que, no campo da Comunicação, se tornou comum chamar de interdisciplinaridade)<sup>5</sup>, “tal como a Sociologia recorre à Economia, a Física à Matemática, a Biologia à Química” (SILVA, 2009, p. 15). No entanto, a questão que levantamos aqui é o destaque conferido a determinados autores de outras áreas da conformação de uma teoria do jornalismo. Pierre Bourdieu, por exemplo, ocupa essa posição (na quarta colocação entre os autores mais referenciados), sendo citado em 7 textos analisados. Nestes trabalhos, verificamos que o conceito mais utilizado do sociólogo é o de ‘campo’, aliado a ‘campo jornalístico’. Apenas 1 artigo não faz essa relação. Porém, articula o conceito de ‘campo’ com a área da Comunicação: “campo das ciências da comunicação” (texto 29, p. 10). Assim, concordamos com Gislene Silva (2009, p. 11) ao dizer que “não basta tomar o conceito de campo jornalístico, de Pierre Bourdieu, para se afirmar que já temos um campo próprio de estudos em jornalismo”. A pesquisadora acrescenta: “O campo social do jornalismo, recortado pela abordagem sociológica, atende às demandas da Sociologia, não aos vazios conceituais de uma Teoria do Jornalismo” (SILVA, 2009, p. 11).

#### 4. Classificação temática

Passaremos, neste momento, à classificação temática, a partir do conteúdo discutido nos 33 trabalhos apresentados nos eventos anuais da SBPJor entre os anos de 2008 e 2012. Identificamos nesses textos ocorrências que se repetem na compreensão de uma teoria do jornalismo. Desse modo, as organizamos em 8 categorias: (1) *O jornalismo nos diversos suportes de mídia e suas especializações*; (2) *Ensino de jornalismo*; (3) *Pesquisa aplicada em jornalismo*; (4) *Fundamentos epistemológicos da pesquisa em jornalismo*; (5) *Representação, discurso e identidade cultural*; (6) *Estudo dos gêneros jornalísticos, das fontes e da seleção de informações*; (7) *Relação com práticas e valores, como cidadania e democracia*; e (8) *Transformações na atividade jornalística, considerando o percurso da história*.

---

<sup>5</sup> Sobre isso, ver Luiz Martino e Katrine Boaventura (2013).

**(1) O jornalismo nos diversos suportes de mídia e suas especializações:**

Estuda o jornalismo praticado nas diversas mídias, sobretudo o meio digital (ou cibermeios, como alguns pesquisadores preferem). Nesta categoria, estão a composição da página (design informacional) nos jornais digitais [texto 1]; o jornalismo ambiental como uma especialidade da prática [texto 5]; o infográfico no ciberjornalismo [texto 9]; o jornalismo ambiental a partir de acontecimentos inesperados, como fortes chuvas [texto 15]; os sistemas automatizados de produção jornalística [texto 17]; e o jornalismo político na cobertura eleitoral [texto 21].

**(2) Ensino de jornalismo:**

Leva em conta a qualidade do ensino de jornalismo e a formação profissional, com relatos e reflexões da experiência docente no que diz respeito a aspectos históricos, pedagógicos, conceituais, técnicos e organizacionais (rotinas produtivas). Encontram-se nesta divisão o ensino de jornalismo como um campo de estudos [texto 3]; questões pedagógicas que envolvem a produção jornalística em sala de aula [texto 7]; subsídios para a redação noticiosa com foco na produção de órgãos laboratoriais [texto 11]; e produção de livro-reportagem e a discussão sobre suas especificidades (com estrutura e linguagem diferenciada) [texto 32].

**(3) Pesquisa aplicada em jornalismo:**

Dedica-se à pesquisa aplicada em jornalismo (na busca pela inovação), cujo debate se dá com a articulação de fundamentações teóricas e metodológicas. Nesta parte, situam-se a pesquisa aplicada a partir de uma aproximação entre o campo científico e o sistema produtivo [texto 6]; e a discussão de conceitos que buscam entender como as condições tecnológicas se relacionam com o desenvolvimento das empresas jornalísticas [texto 14].

**(4) Fundamentos epistemológicos da pesquisa em jornalismo:**

Trabalha com os fundamentos epistemológicos da pesquisa em jornalismo, nas suas dimensões conceituais, teóricas, metodológicas, bem como suas relações com outras áreas do conhecimento. Estão aqui aportes teóricos do jornalismo que se fazem presentes nas narrativas cinematográficas [texto 2]; a crítica a abordagens e impasses provocados por algumas correntes sobre o estudo do jornalismo [texto 10]; os caminhos de reflexão para pensar a objetividade jornalística [texto 13]; um protocolo de análise de cobertura para apreender o acontecimento jornalístico numa instância entre o trabalho de bastidores da redação e as análises do conteúdo e do discurso sobre este acontecimento [texto 16]; o percurso teórico do jornalismo com a história [texto 20]; um quadro-síntese das áreas de onde migraram valores e procedimentos que tratam da objetividade jornalística [texto 23]; a compreensão de aspectos epistemológicos do agendamento, enxergando a notícia como forma de conhecimento [texto 25]; o uso de gênero como categoria de análise transversal nas pesquisas em comunicação [texto 29]; e o modo de produção do acontecimento jornalístico em comparação com o trabalho historiográfico [texto 31].

**(5) Representação, discurso e identidade cultural:**

Tem como parâmetro a construção de representações, a produção de discursos e a formação de identidades culturais a partir da cobertura jornalística. Dispõem-se neste espaço as representações sobre a questão agrária (MST) nas páginas do jornal [texto 12]; o telejornalismo atuando na construção da identidade nacional (Brasil) [texto 19]; a morte através de doenças infecciosas (dengue) apresentada na mídia [texto 24]; e a produção de sentidos, tendo as manifestações culturais (literatura de cordel) como instrumentos de comunicação [texto 30].

**(6) Estudo dos gêneros jornalísticos, das fontes e da seleção de informações:**

Aborda os gêneros jornalísticos, as fontes e a seleção de informações noticiosas. Veremos nesta categoria as possíveis influências (efeitos de terceira pessoa) na seleção de informações (produtores de notícias) [texto 8]; a identificação de fontes em relação à

reforma psiquiátrica (realizada em 1992) [texto 18]; a representação de fontes durante a cobertura sobre o movimento antimanicomial (Semana Nacional da Luta Antimanicomial) [texto 26]; e os gêneros jornalísticos a partir de noções capitais para os estudos do jornalismo (tais como atualidade, instantaneidade e periodicidade) [texto 33].

**(7) Relação com práticas e valores, como cidadania e democracia:**

Trata das relações entre a atividade jornalística e práticas e valores, como a cidadania e a democracia. Nesta parte, teremos a relação entre o jornalismo e a chamada sociedade do espetáculo [texto 22]; e as contribuições dos cidadãos (sobretudo através das novas mídias digitais) no resgate da esfera pública [texto 28].

**(8) Transformações na atividade jornalística, considerando o percurso da história:**

Considera as mudanças ocorridas no jornalismo, tendo a história como guia, realizando, portanto, uma história do jornalismo. Ingressam neste tópico a imprensa e o mercado (brasileiro), com a influência de parâmetros do jornalismo norte-americano [texto 4]; e uma síntese da história do ensino de jornalismo no país [texto 27].

## **5. Algumas considerações**

O percurso realizado neste trabalho busca pensar as especificidades epistemológicas das teorias do jornalismo, cuja preocupação ainda é bastante incipiente. Prova disso são as várias tematizações da matéria. No período entre 2008 e 2012, identificamos 8 categorias, que situam as teorias do jornalismo ora nos suportes de mídia e suas especializações, ora no ensino, ora no investimento em pesquisa aplicada, ora nas questões sobre representação e discurso, ora na seleção de informações e no estudo dos gêneros, ora na relação com a cidadania e a democracia, ora nos aspectos históricos da atividade jornalística.

Interessa-nos estudá-la em seus fundamentos epistemológicos, categoria em que identificamos 9 textos. Esse número já demonstra, a nosso ver, uma preocupação com o

objeto de estudo, com o corpo teórico que compõe este objeto e com os critérios de validação e obtenção do conhecimento produzido pela pesquisa em jornalismo até aqui.

## Referências

ANUNCIACÃO, Cristiano. O percurso teórico-metodológico dos trabalhos em teorias do jornalismo da Intercom (2001-2008). **Anais...** XXXIX Intercom, São Paulo, 2016a.

\_\_\_\_\_. O percurso teórico-metodológico dos trabalhos em teorias do jornalismo da SBPJor (2003-2007). **Anais...** 14º SBPJor, Palhoça, 2016b.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Série jornalismo a rigor. V. 6. Florianópolis: Insular, 2012 [1987].

\_\_\_\_\_. Sobre a necessidade de uma teoria do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 1, n. 1, p. 160-162, 2004.

\_\_\_\_\_. Jornalismo já tem sua teoria: Adelmo Genro Filho abre um novo caminho para a reflexão. **Revista da Fenaj**. Ano 1, n. 1, 1996.

MARTINO, Luiz; BOAVENTURA, Katrine. O mito da interdisciplinaridade: história e institucionalização de uma ideologia. **Revista da Compós**. V. 16, nº 1, 2013.

SILVA, Gislene. O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano 2, nº 2, p. 9-15, 2009.